

APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESA NAS FASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Elaine do Nascimento Sousa¹

RESUMO

O objetivo do trabalho é apresentar uma proposta investigativa e mostrar os diferentes níveis de desenvolvimento a criança durante o processo de aprendizagem de uma língua, apontando as etapas e os fatos mais importantes que ocorrem dentro deste processo. Para apresentarmos o estudo, discutimos inicialmente as etapas do desenvolvimento infantil e algumas teorias nas quais abordamos como ocorre esse processo. Buscamos também explicar a teoria das inteligências múltiplas voltadas para o tema deste trabalho. Finalmente, abordamos sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira na infância e tecemos algumas considerações finais.

Palavras-chaves: Desenvolvimento infantil; Aprendizagem. Língua Inglesa.

ABSTRACT

This work aims to investigate and shows the different levels of the child's development in the language learning process, pointing out the steps, stages, and facts that occur within this process. To present the study, we initially discussed the stages of child development and some theories in which we approach how this process occurs. We also seek to explain the theory of multiple intelligences that have been focused on the subject since work. Finally, we discuss the learning of a foreign language in childhood and we make some final considerations.

Keywords: Child development; Learning. English language.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A importância de aprender uma língua estrangeira, torna-se cada vez mais essencial nos dias atuais. Isso por que uma segunda língua favorece oportunidades principalmente no lado profissional. Porém, aprender uma segunda língua é um processo que se torna mais fácil na infância, por que a criança consegue aprender de forma clara, rápida e fácil, sem que aconteça de forma desordenada ou sobrecarregada.

¹Graduada em Licenciatura Plena em Letras/Inglês – Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Campus Professora Alexandre Alves de Oliveira, especialista em Língua Inglesa pela Faculdade FAP Parnaíba e Docência do Ensino Superior pela faculdade FLATED e Montenegro. elainenascimentosousa@hotmail.com

Alguns teóricos afirmam que essa facilidade se dá por que as crianças aprendem de forma natural, e que passam por muitas etapas ao longo de seu desenvolvimento, passando por modificações interna e externamente e por isso buscamos mostrá-las dentro de algumas reflexões teóricas que abordam esse processo.

Além disso, buscamos também destacar a teoria das Inteligências Múltiplas, dentre elas: a linguística e a lógico matemática, por que estão diretamente ligadas ao processo de aprendizagem.

1 DISTINÇÃO ENTRE CRESCIMENTO, MATURAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Na visão de Dorin (1996), a relação entre crescimento, desenvolvimento, maturação e aprendizagem é muito complexa, pois ela só pode ser identificada a medida que a criança se desenvolve com relação ao tempo, pois sabe-se que o crescimento é o aumento do tamanho de um organismo por causa de sua ingestão de alimentos.

A medida do crescimento da criança, ocorre a maturação que pode ser descrita como processo de maturidade, ou progresso em direção ao estado de maturidade, porém variam com os sistemas biológicos. A maturidade ocorre no momento em que o organismo está pronto para a execução de determinada atividade, não necessariamente ocorre junto com o seu crescimento ou idade cronológica, e em qualquer fase da vida pode ocorrê-la, não se limitando ao estado adulto.

Entretanto, convém ressaltar que a maturação é independente da aprendizagem, mas essa não é independente da maturação, uma vez que a criança não está madura, ela não poderá aprender, pois não dispõe de condições para tal, observa Campos (1999). Antunes (2002, p. 16)) corrobora com esta ideia e diz que a aprendizagem

[...] jamais ocorre antes que algumas capacidades motoras, neurológicas ou sensoriais estejam aptas para isso. Percebe-se, assim, a importância da maturação, sempre presente na programação genética do bebê. Podemos sintetizar esse esquema dizendo que a maturação prepara o corpo e desperta a habilidade, e que o ambiente e a experiência consolidam as primeiras formas de aprendizagem.

Entendendo o que seja a maturação e o crescimento, vale ressaltar que estes termos estão diretamente relacionados com o termo desenvolvimento, por serem processos biológicos, porém o conceito deste tem um alcance mais amplo e envolve outros domínios. Na visão de Davis e Oliveira (1994), desenvolvimento é um processo construído ativamente de relações que se estabelecem as suas características com o ambiente físico e social.

É durante o desenvolvimento, ainda na infância, que as ações e operações motoras e mentais são formadas, e é através dessas concepções adquiridas que ocorrerão as manifestações mais complexas das atividades psíquicas quando adulto.

Antunes (2002, p. 15) lembra que

Ainda não sabemos todos os processos usados pela mente para aprender, mas sabemos que existem alguns. A maneira como uma criança “aprende” a engatinhar não é exatamente a mesma como, mais tarde, aprende a lidar com emoções ou a usar o computador. Entretanto, não restam dúvidas que existem diferentes processos de aprendizagem.

Infere-se, a partir da afirmação do autor, que existem alguns processos usados pela mente para que ocorra a aprendizagem, ressaltando que é através desses processos que adquirimos novos conhecimentos, e que toda e qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem.

Ainda utilizando os saberes de Antunes (2002), a aprendizagem pode ser definida como uma mudança relativamente permanente no comportamento que resulta da experiência. Krashen (1982) também menciona a aprendizagem e diz que está relacionada ao estudo formal, onde se recebe, acumula informações e transforma-as em conhecimento por meio de esforço intelectual e do raciocínio lógico.

2 TEORIAS DA APRENDIZAGEM

Existem algumas teorias que abordam como ocorre o processo de aprendizagem de uma língua e suas peculiaridades, como veremos a seguir. Cada teoria tem sua visão acerca de como ocorre esse processo, mostrando diferentes

explicações e definições. Observa-se que estas teorias tem uma similaridade pois todas abordam que esse processo ocorre a partir do momento em que o indivíduo nasce e de desenvolve.

2.1 Reflexão empirista

Campos (1999) afirma que a teoria empirista baseia-se nas teorias de estímulo resposta ou comportamentais. Para os empiristas a linguagem não é diferente de qualquer outro comportamento, esse processo é regido pelos princípios de aprendizagem que governam quando se faz associação estímulo- resposta. Tomando por base a visão empirista, destaca-se o Behaviorismo, ou teoria comportamental, e o Conexionismo que tem em sua base as teorias de reforço.

O Behaviorismo é uma corrente da psicologia que estudo o comportamento considerando que o indivíduo pode ser estimulado ou modificado pelo ambiente. O primeiro idealizador deste estudo foi John Broadus Watson, que acreditava que um indivíduo poderia ser controlado a parti de suas relações com o meio e que o meio é de fundamental importância no desenvolvimento deste, constata-se isto quando o mesmo expressa o seguinte desafio, nas palavras de Watson (1925) apud Davidoff (2004, p.125):

Dê-me uma dúzia de bebês saudáveis e bem formados e um mundo especificado por mim para criá-los, que garanto escolher qualquer um ao acaso e treiná-lo para tornar-se qualquer tipo de especialista que eu escolher – médico, advogado, artista, comerciante e, sim, até mesmo um mendigo e ladrão, independente de seus talentos, inclinações, tendências, habilidades, vocações e de raças de seus ancestrais.

O autor exprime que o meio é um fator preponderante para que determinada pessoa tenha um aprendizado, essa opinião é reforçada quando Bondoli e Mantovani (1998) dizem que o ambiente é importante no desenvolvimento da linguagem, principalmente quando se fala do desenvolvimento da criança.

Apesar dos primeiros estudos provirem de Watson, fundador da corrente behaviorista, a teoria e seus princípios comportamentais tem como autor Burruchs Frederic Sknner, que se dedicou a experiência com ratos e pombos. Notabilizou-se como pesquisador original, desenvolvendo o conceito de seu pensamento chave, o

“condicionante operante”, um mecanismo que premia uma determinada resposta de um indivíduo até que ele fique condicionado a responder determinada ação.

Em relação a educação, Skinner (1995) acreditava na eficiência do reforço positivo, sendo contrário a punições, e rejeitava noções como a do livre arbítrio e defendeu que todo comportamento é determinado pelo ambiente, embora a relação do indivíduo como o meio seja de interação e não passiva.

O Behaviorismo, porém, limita-se ao comportamento como uma reação aos estímulos externos e só aborda o que é possível teorizar como algo cientificamente observável. Skinner (1995) baseia-se na ideia de que o aprendizado ocorre paralelamente com a mudança de comportamento. Tais mudanças resultam de uma resposta estímulo provocado pelo meio, é o que chamamos de Estímulo-Resposta, onde o indivíduo é condicionado a reagir, explica Campos (1999).

Outra teoria de reflexão Empirista é o Conexionismo, criada por Edward Lee Thorndike. Essa teoria defende que a conexão é o resultado da associação entre os sentidos e os impulsos para que haja ação e baseiam-se no fato de que as redes neurais são capazes de aprender. A Conexão definirá, portanto a probabilidade de uma determinada resposta ocorrer por causa de um estímulo.

Segundo os Conexionistas, o indivíduo já nasce com capacidade de perceber esses estímulos, e já vem com algumas conexões básicas já formadas, ou com uma predisposição para que haja sua formação e que para aprender algo é preciso obedecer algumas leis, conhecidas também como princípios gerais a aprendizagem.

Baseada nessas afirmações percebe-se que uma das características do conexionismo está centrada na capacidade de aprender, o que nos leva a refletir sobre a aprendizagem de uma língua, onde o indivíduo encontra-se em pleno desenvolvimento.

2.2 Reflexão racionalista

Na abordagem racionalista encontram-se teorias de cunho científico, ou seja, que podem ser comprovadas cientificamente. Nesta reflexão, encontramos a abordagem cognitivista e a sócio interacionista.

Em sua visão inatista, Avram Noam Chomsky falou que o ser humano nasce programado para falar e propôs que a criança possui uma Gramática

Universal (GU) incorporada a estrutura da mente, seguindo a ideia de que a criança nasce biologicamente (geneticamente) com uma gramática onde se encontra todas as regras possíveis de todas as línguas. De acordo com essa visão, a criança realiza operações mentais que transformam esta gramática na gramática da língua a qual a criança será exposta. A partir do momento em que a criança adquire uma gramática excluirá automaticamente toda e qualquer regra das outras.

Em um primeiro momento, Chomsky apontou dois fatos importantes sobre a linguagem: a primeira abordava que cada frase que é dita ou ouvida é uma nova combinação de repertório de resposta. O segundo fato está relacionado com o ritmo em que a criança aprende diferentes palavras sem serem ensinadas e como elas criam diferentes tipos de frases que nunca ouviram antes.

Outra teoria, a Construtivista, idealizada por Jean Piaget, procura apresentar estágios pelos quais os indivíduos passam para poder adquirir conhecimento, e como a inteligência se desenvolve. Este, acreditava que o conhecimento era adquirido aos poucos, à medida que as estruturas mentais e cognitivas se organizavam acompanhando o desenvolvimento da inteligência humana.

A inteligência é a forma de adaptação do organismo a uma situação nova levando a uma construção contínua de novas estruturas. Esta adaptação é tudo o que está relacionado com o mundo exterior e sua adaptação biológica. Sendo assim o indivíduo desenvolve sua intelectualidade a partir dos estímulos oriundo do meio que o cerca.

Piaget frisa que a embriologia humana evolui também após o nascimento, criando estruturas cada vez mais complexas, e que o desenvolvimento inicia-se desde o período intrauterino. A partir desta evolução, Piaget buscou resultados para uma série de teorias sobre o desenvolvimento da criança, pois sabe-se que esta passa por todos os estágios de desenvolvimento, utilizando-se de um para fortalecer o outro.

De acordo com este teórico, cada etapa não pode ser quebrada, pois é uma sequência gradual de habilidades e descobertas. A essas etapas Piaget chamou de Estágios que representam, exatamente, uma lógica de inteligência e que não podem ser pulados.

Esses estágios foram definidos em três por este teórico. O primeiro é o estágio sensorio motor (0 a 2 anos), de cunho importante para Piaget, pois esses

dois primeiros anos as absolutamente essenciais por que a criança percorre uma velocidade de evolução absolutamente imaginável; um outro estágio chama-se pré-operatório (2 a 7 anos); o terceiro chama-se estágio operatório (7 anos em diante) que se subdivide em operatório concreto e formal.

Durante os estágios que Piaget menciona, percebemos que a criança está em desenvolvimento, tem uma rápida e efetiva aprendizagem e está apta para adquirir qualquer língua. Encontramos o seguinte pensamento de Bondioli e Mantovani (1998, p. 203)

Os primeiros sinais comunicativos da criança (o choro, o sorriso, as vocalizações) modificam-se com o tempo, através de fases diferenciadas [...] aos três anos as estruturas fundamentais da linguagem são adquiridas e sucessivamente o desenvolvimento da linguagem será assinalado somente pelo uso simultâneo dos mecanismos de uma mesa frase.

Ou seja, os autores mencionam que a criança começa a adquirir comunicação e conhecimento desde o momento em que se encontra no cenário humano, ou simplesmente por estar em contato com outras pessoas, ela passa por modificações e fases até que sua linguagem esteja bem desenvolvida.

Também encontramos Lev Vygotsky que aborda sobre a aprendizagem, porém este tem uma concepção diferente de Piaget, como veremos a seguir.

2.2.1 Piaget e Vygotsky em uma abordagem sobre aprendizagem

Para Piaget, o desenvolvimento se dá de dentro para fora, quando há aquisição de conhecimento pela interação do indivíduo com o meio, é por desenvolver-se que o sujeito aprende, e isso acontece por estar em determinado estágio de desenvolvimento.

No pensamento de Vygotsky é mais o contrário, o desenvolvimento se aia de fora para dentro, ele se desenvolve por que aprende. Mas ambos concebem, a criança como um ser ativo e atento, e que constantemente cria hipóteses sobre o seu ambiente (DAVIS, 1994).

Trazemos o registro dos autores Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 108), para ilustra alguns pontos de divergências entre esses dois autores,

Se compararmos os dois maiores teóricos do desenvolvimento humano, podemos dizer que, correndo algum risco de sermos simplistas, que Piaget apresenta uma tendência hiperconstrutivista em sua teoria, com ênfase o papel estruturante do sujeito. Maturação, experiências físicas, transmissões sociais e culturais e equilíbrio são fatores desenvolvidos na teoria de Piaget. Vygotsky, por outro lado, enfatiza o aspecto interacionista, pois considera que é no plano subjetivo, isto é, na troca entre pessoas, que tem origem as funções mentais superiores.

Em outras palavras, Piaget enfatiza a interação entre o sujeito com o objeto físico e Vygotsky fala do desenvolvimento das funções psicológicas mais complexas realizadas pelo contato entre pessoas.

Ao contrário de Piaget, que aborda a criança como um ser predestinado à fala, acreditando que o meio não é considerado um fato para o desenvolvimento da língua, não privilegia a maturação biológica e postula sobre o desenvolvimento que segue sequências de estágios, em contraposto Vygotsky defende que a língua está fora da pessoa inicialmente. Ou seja, quando uma criança nasce, ela nasce em um meio falante, que conseqüentemente irá se aprimorar desta língua ao longo de seu desenvolvimento, mas reconhece que se houver a variação do ambiente, haverá também a variação do desenvolvimento da criança.

Vygotsky diz que o meio é um fator fundamental para o processo evolutivo, onde a criança é influenciada diretamente com o meio em que vive por isso não acredita que a criança tenha que passar por estágios, cm em uma sequência. Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 99), assim diz,

Cada período é caracterizado por aquilo de que de melhor o indivíduo consegue fazer nessas faixas etárias, porém o início e o término de cada uma delas dependem das características biológicas de cada indivíduo e de fatores educacionais, sociais. Portanto, a divisão nessas faixas etárias é uma referência e não em uma norma rígida.

Para os autores também não existe uma sequência de estágios que seja obrigatória. Cada período segue uma sequência natural, observando que cada ser é diferente do outro e que esses períodos dependem de cada indivíduo, juntamente com suas funções biológicas.

Durante a aprendizagem de uma língua alguns fatores são importantes, na visão de Bondioli e Mantovani (1998), tais como o desenvolvimento das capacidades comunicativas da criança, continuidade que, partindo de uma fase pré-

linguística, alcança a fase linguística através de uma constante motivação em comunicar e interagir por parte da criança. Essa interação pode ser abordada dentro da teoria das Inteligências Múltiplas, especialmente quando se fala em inteligência linguística e da inteligência logo matemática, por se tratar de características encontradas no desenvolvimento da criança.

3 INTELIGENCIAS MULTIPLAS E APRENDIZAGEM DE LINGUAS

Existem diferentes concepções e tentativas de definir e caracterizar o que vem a ser inteligência. Entre as concepções mais abordadas sobre inteligência, nos deteremos no conceito de Antunes (2002, p.11), Braghirolli, et al (1990, p.145) e Dorin (1996, p.98), respectivamente:

A palavra “inteligência” tem sua origem na junção de duas palavras: *inte* – entre e *eligere* – escolher. Em seu sentido mais amplo, significa a capacidade cerebral pela qual conseguimos penetrar na compreensão das coisas escolhendo o melhor caminho. A formação das ideias, o juízo e o raciocínio são frequentemente apontados como atos essenciais à inteligência. A inteligência é resumida pelo *pequeno dicionário ilustrado brasileiro da língua portuguesa* como “a faculdade de compreender”.

Inteligência é a capacidade global do indivíduo cognitivo (intelectual) pela sua facilidade em aprender, atuar eficientemente sobre o meio e pensar abstratamente.

Resumindo vários conceitos, podemos dizer que inteligência é a capacidade do indivíduo para se adaptar às novas situações com eficiência e com certa originalidade (...) é uma palavra utilizada para designar a capacidade de resolução de problemas de uma pessoa.

As definições sugerem que o termo inteligência está associado com a capacidade que o indivíduo tem de raciocinar, de resolver problemas, de adaptar-se a novas situações.

Muitos estudos foram realizados acerca da inteligência para que se entendesse o que é inteligência. Um desses estudos foi apontado por Davidoff (2004) que nos fala que depois dos testes de aptidão mental em 1905, de Alfred Binet, que criou um instrumento para testar o conhecimento das crianças nas áreas verbal e lógica, enfatizou o desenvolvimento da linguagem e da matemática. Howard Gardner baseou-se nestas pesquisas para questionar a visão da inteligência

refletindo sobre a competência cognitiva humana como um conjunto de capacidade, talentos ou habilidades mentais que chamamos de “inteligências”.

Um dos princípios das Inteligências Múltiplas diz que as inteligências são independentes umas das outras apesar da interação que pode haver entre elas e que raramente funcionam isoladamente, elas estão em pontos diferentes do cérebro, mas trabalham juntas. Gardner (1994) diz que cada área ou domínio tem seu sistema próprio, cada domínio se caracteriza pelo desenvolvimento das competências e que cada inteligência pode ser vista como uma série de sequência de estágios e que todos os indivíduos normais possuem os estágios, mesmo básico em todas as inteligências.

A partir desses estudos e das várias inteligências identificadas por Gardner, podemos destacar duas dessas inteligências, a inteligência lógico matemática e linguística, que podem facilitar o processo de aquisição/aprendizagem de uma língua, porque determinam a habilidade para o raciocínio dedutivo e para usar a linguagem, sobretudo estimular ou transmitir ideias, características encontradas durante a aquisição da língua pela criança.

Antunes (2002) diz que embora não seja fácil avaliar as inteligências, existem alguns traços que podem ser observados na infância. Esses traços podem ser de fundamental importância para detectar quais os tipos de inteligência que a criança já possui. A partir das inteligências e de sua importante contribuição para a aprendizagem da língua, apontamos subsídios para que a criança adquira uma língua estrangeira com mais facilidade na infância.

4 APRENDIZAGEM DE UMA SEGUNDA LINGUA NA INFANCIA

Segundo Fontana e Lima (2006), a capacidade do ser humano de aprender uma língua estrangeira tem sido alvo de interesse e estudos há muito tempo. A aprendizagem de línguas pelas crianças fascinou o homem, datando o seu estudo a no século XVIII, quando o filósofo alemão Dietrich Tiedmann começou a observar os desenvolvimentos psicológicos e linguísticos do seu filho.

De acordo com Krashen (2006) podemos observar como uma criança aprende facilmente de forma rápida e bem uma língua estrangeira na infância. Elas conseguem assimilar uma segunda língua com pronúncia exata e isenta de outros

desvios, Fontana e Lima apud Krashen (2006, p.129), seguido de Brown (1993, p.132) assim explicam:

Aprender uma outra língua significa desenvolver a habilidade funcional equivalente à de assimilação da língua materna pelas crianças. Trata-se, portanto, de reaprender a estruturar o pensamento, desta vez nas formas de uma nova língua. Em suma, trata-se de um comportamento humano, fruto de convívio, de situações reais de interações.

A aprendizagem de uma língua estrangeira não é totalmente diferente da língua mãe [...] o cérebro organiza o insumo que recebe e compreende e o põe à disposição dos mecanismos que produzem a fala. O conhecimento adquirido pode ser então, usado na comunicação, e o falante da língua estrangeira não precisa pensar para tal, assim como acontece na língua materna.

O que os autores tentam explicar é que a língua estrangeira deve ser adquirida como se fosse a língua mãe por não haver grandes diferenças entre elas. De acordo com Brown (1993) existe uma série de argumentos para que uma língua estrangeira seja aprendida ainda na infância, vejamos:

- a) Quando uma língua é ensinada, devemos praticar e praticar, quantas vezes for necessário. Uma criança quando está aprendendo, ela repete tudo várias vezes. Durante o estágio da aprendizagem, a criança aprende o tempo todo.
- b) Uma das principais características para aprendizagem de uma língua estrangeira é a imitação. Você deve ser um mímico. É como se fosse uma criança, ela imita tudo.
- c) Quando se observa o desenvolvimento da fala de uma criança, primeiramente ela ouve depois ela fala. Esse é o procedimento correto para aprender uma língua estrangeira, seguir a ordem natural dos fatos: escutar, falar, ler e escrever.
- d) Não se pode traduzir quando se é pequeno. Se você é capaz de entender sua primeira língua sem traduzi-la, você também pode ser capaz de entender uma língua estrangeira no mesmo caminho.
- e) Uma criança usa uma linguagem simplória. Ela não tem necessidade de usar uma gramática formal, por isso não é importante saber o que é verbo ou substantivo para aprender uma língua de forma correta.

Através destes argumentos apontados pelo autor, observamos que as crianças aprendem de forma natural uma língua estrangeira porque elas conseguem

desenvolver sua capacidade de falar sem que lhes sejam impostas regras (Kramer, 2005). É o que Fontana e Lima (2006, p.129) reforçam quando afirmam que:

Aprender uma língua estrangeira pode ocorrer [...] de forma natural. Por isso é que as crianças o aprendizado é mais rápido, pois elas ainda não estão expostas diretamente com as regras que as línguas contem e não tem nenhum vício de linguagem, somente está exposta a fala de outras pessoas.

Os cientistas tentam explicar a facilidade que a criança tem para aprender uma segunda língua. Segundo Pinheiro (2007), o cérebro humano não atinge maturidade pelas multiplicações dos neurônios, mas pelo número de conexões (sinapses) que os neurônios provocam. Cada neurônio pode conectar-se com outros quinze milhões de neurônios, tornando-se complexo. Quanto mais conexões feitas, mais o cérebro irá aprender.

É por essa razão que as crianças aprendem de forma rápida, pois seus cérebros estão em pleno desenvolvimento. É importante salientar tomando por base Fontana e Lima (2006, p. 130) que

A criança ao aprender [...] não está exposta diretamente as regras dessa, mas simplesmente a fala das outras pessoas, das quais as regras da língua são deduzidas. Esse aprendizado, apesar de ser uma tarefa complexa, ocorre com incrível rapidez e por volta dos 3-5 anos de idade, a criança terá internalizado a maior parte das estruturas básicas da língua.

A criança aprende o tempo todo, com diz os autores, mas existem outros fatores que são considerados para que haja aprendizagem de uma outra língua, onde podemos evidenciar a própria idade, motivação, atitudes, aptidão, as diferenças individuais, etc. Devido a esta aprendizagem rápida deve-se tomar cuidado ao passar as informações para as crianças, elas devem ser as mais autênticas possíveis, pois uma vez aprendida, não pode ser revestida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira na infância, percebemos que a criança passa por vários estágios para que ocorra o seu

desenvolvimento, e quanto mais cedo a criança começar a aprender a nova língua, será mais efetiva.

As teorias aqui apresentadas mostram que a aprendizagem de uma língua estrangeira está relacionada com a capacidade ou habilidade que a criança tem ao desenvolver-se física e mentalmente e que as crianças assimilam línguas com mais facilidade e sua aprendizagem dá-se a partir da interação com o meio.

Segundo os teóricos mencionados, as crianças têm mais facilidade em aprender uma língua estrangeira devido a diversos fatores ao longo de seu desenvolvimento e que esse processo deve ser feito da maneira mais natural possível.

Portanto, entende-se que o que todas as teorias têm em comum é que apesar do meio ou das condições para que haja aprendizagem, é na infância que isso ocorre de forma clara, objetiva e natural, uma vez que elas possuem capacidades naturais e já nascem aptas para aprender uma língua.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Novas Maneiras de Ensinar, Novas formas de Aprender**. São Paulo: Artmed, 2002.

BOCK, Mercês; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. Reform e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.

BONDIOLI, Anna; MANTOVANNI, Susanna (orgs). **Manual de Educação infantil – de 0 a 3 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRAGHIROLI, Elaine M^a. At all. **Psicologia geral**. 9 ed. Revis e atual. Porto Alegre: Editora Vozes, 1990.

BROWN, H. Douglas. **Principles of Language Teaching and Learning**. New Jersey: Prentice Hall, 1993.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3 ed. São Paulo: Makron Books, 2004.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação**. 2 ed. Ref. São Paulo: Cortez, 1994.

DORIN, Lannoy. **Psicologia da criança**. São Paulo: Editora do Brasil, 1996.

FONTANA, Nivia Maria; LIMA, Marília dos Santos (org). **Língua Estrangeira e Segunda Língua: aspectos pedagógicos**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KRAMER, K. Quanto mais cedo melhor. *Mente & Cérebro*, São Paulo, n.151, p. 66-69, ago. 2005.

KRASHEN, S. D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1982.

PINKER, Steven. **O Instinto da Linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Questões recentes na análise comportamental**. Trad. Anita Liberalesso Néri. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

VYGOTSKY, Liev Semiovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Artmed, 2001.